



ENSAIO SOBRE DIA DE MEDIAÇÃO – CORPO II¹

ESSAY ON MEDIATION DAY - BODY II

Reyan Perovano²

FALSO RESUMO

Escrevi as linhas a seguir baseadas na experiência de participar como mediador na sessão de comunicação Corpo II, realizada no Colartes 2019 – *Há um lugar para a arte?*. É um fluxo de pensamentos um pouco livres e de contextos e certezas inventadas que foram transpassados pelas comunicações apresentadas. O texto surge de corpo II, sobre corpo II, para corpo II. E como corpo II estou sugerindo o subalterno, o abjeto, o invisível, precarizado, etc. O ensaio não se dá apenas sobre as escritas subalternas que foram apresentadas, mas como um exercício de escrita subalterna também.

FAKE ABSTRACT

I wrote the following lines based on the experience of participating as a mediator in the Body II communication session held at Colartes 2019 - Is there a place for art?. It is a flow of somewhat free thoughts and invented contexts and certainties that have been pierced by the communications presented. The text appears from body II, over body II, to body II. And as body II, I am suggesting the subaltern, the abject, the invisible, precarious, etc. The essay is not only about the subaltern writings that were presented, but as an exercise in subaltern writing as well.

Quase recusei a mediação quando o convite surgiu. Não me pareceu inicialmente pertinente ou estratégico estar em papel de mediação diante de trabalhos que, dentre outros, dialogavam com mulheridades que não me dizem respeito diretamente. Não tenho útero, não menstruo, o sagrado feminino não me acolhe. (E tudo isso me é lembrado com frequência. As vezes exigido e também renegado). Isso acontece também com as masculinidades que aparentemente estariam presentes nos trabalhos. As mesmas – que também me são exigidas e renegadas – e me situam as vezes em uma posição de homem fajuto. Teria uma pedra no meio do caminho. No meio do caminho teria uma pedra e a pedra seria uma bixa fajuta que não sabe bem onde se situar.

¹ Versão em formato de ensaio da relatoria das apresentações da sessão de comunicação 3.2 – Corpo II, durante o VII COLARTES 2019: Há um lugar para a arte?, realizado na Cidade de Vitória, Estado do Espírito Santo, de 20 a 22 de agosto de 2019, nas dependências do Centro de Artes, Cemuni IV, da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Reyan Perovano ou Rey é corpa que se transveste e se transtorna. Em suas atuais ocupações, é devir artista, professor, pesquisador, cuir. É mestrando em Artes, onde tem pesquisado a poética política do corpo rebelde. Suas produções costumam estar atravessadas por gêneros, sexos, identificações e desconhecimentos. Contato: reyanperovano@gmail.com.



O fato é que, em comparação didática e que não sei até onde deve ser feita, todas as questões de feminilidades, masculinidades e ficção que atravessam meus cotidianos possuem prismas com algumas similaridades e muitas divergências em relação aos trabalhos apresentados. Existem pontos onde minhas vivências parecem por vezes apresentar-se em posição de maior precaridade, outras vezes em posição de maior privilégio.

Eu sabia que seria como pisar em ovos. Sabia que, apesar de não necessário, poderia ter de convencer eventuais presenças desavisadas de meus inconstantes processos de devir, apesar do que chamam de sexo biológico. Uó ter que explicar essas questões. Uó ter de dizer que são pertinentes e que existem. Uó não saber sempre como nomear essas questões. Uó pensar que existe necessidade em nomeá-las.

Inconsistentemente comecei a planejar vestir e utilizar roupagens mistas. Com peças reconhecidas socialmente como femininas e outras masculinas. Um fazer estético mais fictício que o de costume por estar muito consciente da questão política e acadêmica que estariam implicadas ali. Como se fizesse alguma diferença – apesar de saber que também faz – em quem estou quando utilizo outras roupagens. E como também se todo momento não tivesse seu próprio peso político. E bem sei disso, mas a mente prega peças. E tenho minhas cicatrizes. Meu corpo se curvou à pressão da necessidade de provar algo aos outros. Pois bem.

Sei que neste ensaio talvez não seja o melhor espaço para essa discussão, mas seria impossível escrever qualquer texto reflexivo sobre temáticas corporais e evitar qualquer contaminação desses conflitos que tem sido atuais para mim. Esse é o prisma por qual posso oferecer alguma reflexão agora.

Obviamente, nos passos iniciais do que parece ser uma carreira acadêmica, participações como esta podem também fazer alguma diferença no currículo, não sou idiota. Veja bem ainda entrei e pari pelo cu uma publicação (esta) nos anais do evento. Mas aceitei sobretudo por saber que poderia compor tensionamentos e o levantar de algumas questões. E foi o que me propus a fazer.



Talvez todos esses conflitos que passaram pela minha cabeça antes da mediação sejam sintomas comuns a muitas pessoas. Talvez sejamos transpassados de modos diferentes por questões que possuem raízes próximas, talvez similares. Talvez. Não posso simplesmente afirmar.

Sinto que a cada um de nós tem sido cobrada cada vez mais consciência e corporalidades que são ideais. De diversos modos, com diversos rastros médicos e legais e institucionais e sociais. As pressões surgem de todos os lados, e no contexto acadêmico não é diferente. Senti e observei, durante o processo do evento, inseguranças relacionadas à sensação de que deveríamos todos estar com todas as questões pessoais e sociais já resolvidas. Aqui falo também por entre ouvir relatos de algumas das pessoas que apresentariam seus trabalhos. A perfeição parecia necessária ao ego e também pra evitar a cultura do cancelamento. Ninguém quer falar merda. E na escrita política essa sensação tem me parecido muito acentuada a um ponto bastante contraproducente.

Somos constantes erros, processos e transformações. Desse modo, apresentar-se com temas como estes do modo como foram feitos demonstram atos de coragem. Espero que os autores tenham se sentido necessários e felizes mais do que esgotados. Pensar antagonismos, viver antagonismos e propor antagonismos é o exercício necessário em questão.

A sessão de comunicação, intitulada de corpo II, contou com corporalidades mais ou menos diversas no debate. O próprio nome – Corpo II – já sugere uma certa reflexão, visto que a letra maiúscula parece elevar corpo a uma categoria a ser discutida em tons institucionais; e o numeral II sugere uma discussão sobre um corpo entendido como secundário. Pode ser que o numeral II tenha sido acrescentado simplesmente pela existência de uma outra comunicação intitulada apenas Corpo ou Corpo I no evento, mas o tom de corpo abjeto e anormal de Paul Preciado continuaram circulando pela minha mente. Éramos os corpos errados, estávamos falando de corpos errados, por corpos errados. Corpos II.

E aqui devo destacar a importância da presença, na sessão, dos corpos todos que expressam mulheridades artistas, pesquisadoras, professoras, negras, brancas, gordas, masculinas,



femininas, compreendidas ou não, etc. Não foram tantas pessoas presentes, mas o suficiente pra que bons e necessários debates se desenvolvem.

Os trabalhos transpassaram análises e questões pertinentes. Mas a sensação que ficou no ar foi de que as discussões posteriores deram ainda mais vida às pesquisas apresentadas. Por estar em um papel de mediação que se sentiu sem muita propriedade para falar de boa parte dos artigos, utilizei a estratégia de dispor a sala em círculo, para facilitar a troca de um modo menos engessado. Cada um de nós poderia ter algo a oferecer a outro. Cada um de nós poderia afetar e ser afetado.

A apresentação dos trabalhos começou, e, partindo de um contexto educacional, *Cinderela Contemporânea* apresentou respiro e esperança. A investigação sociosemiótica da construção de uma feminilidade imposta a alguns corpos de modos implacáveis, perpassando índices, símbolos e territórios pode representar soma na discussão dos trabalhos seguintes apresentados, *Re-trato feminino*; e a na investigação interartística da erotização da corporalidade cis feminina de Milton Dacosta e Carlos Drummond de Andrade, que trouxeram consigo análises feitas por vozes, palavras e discursos masculinos.

Essas duas pesquisas se voltaram a analisar modos de representação do corpo cis feminino em alguns contextos da história da arte/literatura, todavia o fizeram utilizando artistas e bibliografias cis masculinas. E com toda a sinceridade me preocupa quando dois homens (nesse caso Milton Dacosta e Drummond de Andrade) representam a erotização de uma mulheridade que quase sempre só entra nos museus e galerias se estiver nua.

As problematizações das normalizações de modos de ser e das culturas visuais dos trabalhos dialogam também com *Corpo transgressor feminino*. Esse artigo propôs a análise de uma arte que é responsável por construir lugares de submissão para o feminino. Propôs também, junto a sua investigação, uma contraprodução plástica, empática, sincera e forte de uma narrativa pós violência doméstica – que inclusive não se apoia apenas em um ponto de vista pessoal, levando apoio e representação para outras mulheres que também estiveram ou estão presas à situações violentas. Um exercício de liberdade e transgressão.



Exercícios de liberdade e transgressão transpassaram as discussões de antiarte apresentadas em análise de Robert Jasper Grootveld, apesar de sua vida e seu trabalho comporem corporalidades e discussões diferentes e um pouco distantes das que foram mais discutidas durante a comunicação.

Debatendo ainda outra corporalidade, com recortes mais gays e masculinos, o artigo *Em nome da moral e dos bons costumes* se propôs a pensar uma naturalização de sexo e sexualidade, debatendo tensionamentos entre erotismo e pornografia na arte. Confesso que minhas leituras atuais me fazem querer propor a sexualidade como não natural. Como fictícia e artificial, visto que a narrativa de naturalidade segue sendo importante argumento nas compreensões do que é perversão. Nós somos perversas porque algum dia definiu-se a reprodução – e portanto a heterossexualidade – como norma e como natureza. Um processo de produção de modos de ser que tem suas similaridades às estruturas de gênero que foram nessa comunicação bastante frisadas, analisadas, questionadas e transgredidas.

Não pude falar muito sobre isso no dia, limitei-me a fazer pequenas provocações e perguntas para dar inícios na roda. Não posso afirmar quanto cada artigo e cada discussão pode contaminar efetivamente um ao outro, mas a presença de cada uma dessas narrativas, assim como cada pessoa que esteve presente e contribuiu com sua presença, pensamentos ou diálogos representaram ótimas oportunidades de construir alianças.

As perguntas que aparentemente devem ficar são relacionadas à representação. De que modos as corporalidades postas estão sendo representadas? Por quem? Para qual finalidade?

Nossos corpos II (com letra minúscula para não ser institucionalizante) se afetaram um pouco naquela tarde. Sei que posso afirmar apenas uma experiência pessoal, mas todos os afetos, preocupações e trocas expressaram o saldo positivo de saber que estamos aqui. Corpos outros que continuam a produzir, a escrever e a transgredir para viver.

Talvez esse seja o processo. Somos corpos errados, falamos de corpos errados, por corpos errados. Corpos II. E erramos todos em muitos pontos. Assim como acertamos em outros. E toda a preocupação, que pra uns significa também insônia e ansiedade, acabou por fazer



muitos de nós querer sair dali e beber uma cerveja para comemorar a pressão que tinha passado.

Talvez esse seja o processo. Pensar antagonismos, viver antagonismos e propor antagonismos talvez seja o exercício necessário em questão. Esses foram alguns dos afetos. E escrevemos desse modo por agora. Mas a transformação continua. E quem sabe o que vai nos afetar logo mais? Quem sabe o que vai ser amanhã?